

Nós que nos acreditamos vivos
nos qui **Credimus nos uiuos esse**

Trata-se de uma intervenção de arte que ambiciona a captura de um certo espírito alemão – aquele entendido como uma entidade temporal, variável conforme as contingências históricas.

No caso o **loco** de intervenção é o Portão de Brandenburgo, situado na Pariser Platz, em Berlim.

Uma tal captura imaterial vai envolver uma noção de pintura como “sudário”, ou seja, o corpo humano é o agente ativo de produção de imagem. A operação de arte consistirá de impressões dos corpos (de cerca de 1000 alemães vivos) sobre tecido de algodão. Este número é emblemático da Alemanha atual, visto que refere-se ao episódio datado de 4 de novembro de 1989 em que um mesmo número presumido (1 milhão) de alemães orientais reuniram-se na Alexanderplatz em Berlim Oriental, para reclamar reformas políticas e, por conseqüência, vieram a derrubar o Muro de Berlim cinco dias depois.

Os resíduos desses procedimentos de pintura e ação corporal sobre o suporte orgânico - na forma de “bandeiras humanas” - serão reunidos (sob trabalhos de costura em estágios diversos) em uma espécie de lâmina de alta flexibilidade e orientação predominantemente horizontal que, por sua vez, deve interceptar o Portão de Brandenburgo.

A cruz de escala pública que daí resulta visa associar-se, conceitualmente, ao cemitério simbólico de Peter Eisenman, formado por centenas de sepulcros prismáticos vazios, em lote situado ao sul do Portão. Embora as “ tatuagens” ou “ carimbos” humanos se distanciem formalmente da secura geométrica do monumento eisenmaniano, tanto o **Monumento à Memória dos Judeus Assassinados da Europa**, quanto o **nos qui Credimus nos uiuos esse**, aludem a vítimas locais dos sistemas políticos vigentes durante o 3o. Reich e na Guerra Fria, respectivamente.

Uma outra associação formal possível entre ambas as intervenções de arte e arquitetura referidas está na manipulação simbólica da cor. Das lápides em betão antracite do cemitério conceitual de Eisenman ao carvão usado como matéria de fixação da alma alemã , em sudários, todo um conjunto de significações culturais parece fluir - do sólido ao volátil, da fixidez ao trânsito, ou seja, de um patrimônio material histórico (as minas que forjaram a Idade Industrial da Alemanha) à dinâmica financeira contemporânea (o termo “ carvão” usada na linguagem coloquial como dinheiro).

Contudo , se a experiência predominante do **Monumento à Memória dos Judeus Assassinados da Europa** é o luto como veículo de reflexão sobre a história recente da Alemanha, **nos qui Credimus nos uiuos esse** faz a brancura do algodão-suporte corresponder à “revolução branca” da Alemanha de hoje. A memória aqui, reclama menos introspecção do que abertura; antes transparência do que opacidade – enfim, prospecção em lugar de retrospecção.

Pariser Platz, Berlim. No centro simbólico, histórico da capital dos alemães, contra o ocre, o cinza das fachadas e o colorido difuso das ruas, carros e pessoas, várias bandeiras numa bandeira de algodão, branca, de quinze metros de altura por cento e vinte e cinco metros de comprimento, atravessa o vão central do Portão de Brandenburgo, cortando a praça de uma extremidade à outra. Sobre ela, as imagens de corpos, mil corpos numa espécie de grande monotipia em carvão; marcas, registros de alemães no pano branco, 20 anos de queda do muro.